

TERAPIA DE CONVERSÃO PARA JOVENS LÉSBICAS E GAYS: ESQUADRINHANDO OS DANOS EMOCIONAIS SOB ALENTE DA ANÁLISE FÍLMICA

Carolina de Souza
Manoel Antônio dos Santos
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar os processos de subjetivação presentes em personagens do filme “O mau exemplo de Cameron Post”, estabelecendo um diálogo crítico sobre os efeitos da aplicação da chamada “terapia de conversão” (TC), tema que atravessa a trama narrativa. Trata-se de um estudo qualitativo, de análise documental, utilizando o método de análise fílmica. Inicialmente é apresentada a construção da trama cinematográfica, na qual acompanhamos os conflitos vivenciados pela jovem Cameron ao participar voluntariamente de um programa de conversão que prometia “curá-la” de sua homossexualidade. Sua gradual mudança de postura – da submissão e impotência inicial à atitude indignada, ativa e contestatória no final – resulta em poderoso instrumento de resistência à ameaça de autoanulação identitária e exclusão social. A análise fílmica contribuiu para desvelar as mazelas subjacentes à TC, denunciando a falácia da “cura gay” e seu caráter autoritário e obscurantista.

Palavras-Chave: Orientação sexual; Homossexualidade; Minorias sexuais e de gênero; Homofobia; Violência de gênero.

CONVERSION THERAPY FOR YOUNG LESBIANS AND GAY MEN: SCRUTINIZING EMOTIONAL DAMAGE THROUGH THE LENS OF FILM ANALYSIS

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the processes of subjectivation identified in characters from the film “The Miseducation of Cameron Post”, establishing a critical dialogue about the effects of the application of the so-called “conversion therapy” (CT), a theme that runs through the narrative plot. This is a qualitative, documentary analysis study, using the film analysis method. Initially, the construction of the film plot is presented, in which we follow the conflicts experienced by young Cameron as she voluntarily participates in a conversion program that promises to “cure” her of her homosexuality. Her gradual change of posture – from submission to an indignant attitude – results in a powerful instrument of resistance to the threat of identity self-annulment and social exclusion. The filmic analysis contributed to unveiling the underlying evils of CT, denouncing the fallacy of the “gay cure” and its anti-scientific, authoritarian, and obscurantist character.

Keywords: Sexual orientation; Homosexuality; Sexual and gender minorities; Homophobia; Gender-based violence.

TERAPIA DE CONVERSÃO PARA JÓVENES LESBIANAS Y GAYS: EXAMINANDO LOS DAÑOS EMOCIONALES A TRAVÉS DE LA ÓPTICA DEL ANÁLISIS FÍLMICO

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar los procesos de subjetivación presentes en los personajes de la película “La (des)educación de Cameron Post”, estableciendo un diálogo crítico sobre y los efectos de la aplicación de la llamada “terapia de conversión” (TC), tema que atraviesa la trama narrativa. Se trata de un estudio cualitativo, de análisis documental, que utiliza el método de análisis fílmico. Inicialmente se presenta la construcción de la trama de la película, en la que seguimos los conflictos que experimenta la joven Cameron cuando participa voluntariamente en un programa de conversión que promete “curarla” de su homosexualidad. Su cambio gradual de actitud – desde la sumisión y la impotencia inicial hasta una actitud indignada, orgullosa y de protesta al final – da como resultado un poderoso instrumento de resistencia ante la amenaza de la autoanulación de la identidad y la exclusión social. El análisis fílmico contribuye a desvelar los males subyacentes de la TC, denunciando la falacia de la “cura gay” y su carácter anticientífico, autoritario y oscurantista.

Palabras Clave: Orientación sexual; Homosexualidad; Minorías sexuales y de género; Homofobia; Violencia de género.

Terapia de conversão (TC) é um termo guarda-chuva utilizado para descrever tentativas de converter pessoas de diversas identidades sexuais e de gênero para uma identidade exclusivamente heterossexual e alinhada à cisgeneridade (Jones et al., 2018). Embora as descobertas científicas tenham confirmado consistentemente que os esforços empreendidos para a mudança de orientação sexual, além de ineficazes, podem causar danos irreversíveis ao desenvolvimento psicológico, esse procedimento pseudocientífico ainda é largamente praticado em vários países (Nugraha, 2017).

Em estudo realizado com 200 sujeitos, Spitzer (2003) concluiu que há evidências de que ocorre mudança na orientação sexual após algum tipo de TC em alguns homens gays e lésbicas altamente motivados(as). Porém, o autor teve que se retratar pelo estudo nove anos mais tarde, admitindo suas falhas metodológicas (Spitzer, 2012). As principais associações e entidades de saúde mental internacionais rejeitaram a TC como modalidade de tratamento, uma vez que não há evidências científicas que sustentem a alegação de que a orientação sexual pode ser alterada, ao passo que há provas irrefutáveis de que esse tipo de “tratamento” pode desencadear prejuízos emocionais às pessoas que são submetidas a ele (Drescher et al., 2016).

Além disso, não existe justificativa científica razoável nem fundamento ético para considerar aceitável uma proposta de “tratar” como doença uma variação do desejo e comportamento sexual. Sabemos que este viés é produto de uma construção social relacionada à patologização de expressões da sexualidade que não se alinham aos padrões heteronormativos (Dunker & Kyrillos Neto, 2010; Souza-Santos, 2021). O que os terapeutas de conversão não reconhecem é que a tentativa de mudar a orientação sexual de uma pessoa pode desencadear danos psicológicos, emocionais e espirituais irreversíveis (Drescher, 1998).

O significativo número de ex-adeptos dessas práticas que, posteriormente, desistiram de suas próprias tentativas de se tornarem heterossexuais “convictos”, confirma o que diferentes profissões do campo da saúde mental têm observado já há muitos anos: uma pessoa não pode simplesmente mudar sua orientação sexual (Drescher, 1998). O comportamento sexual é plástico, flexível, multifacetado, podendo ser modificado ao longo da vida, porém os sentimentos e a “identidade” decorrentes da convicção subjetiva de ter determinada orientação

sexual são muito mais permanentes e arraigados e, portanto, impossíveis de serem alterados (Jenkins & Johnston, 2004).

Em culturas acentuadamente homofóbicas, as práticas de aconselhamento e de grupos de apoio receberam o acréscimo esdrúxulo de intervenções supostamente “espirituais”, destinadas a abordar o que se entendia serem as “causas espirituais” da identificação com a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais e outras orientações sexuais e identidades de gênero). Tais práticas tipicamente incluíam uma rotina de orações, leituras enviesadas da Bíblia, jejuns e outros dispositivos disciplinares e práticas “purificadoras” em busca de suposta “cura” e libertação espiritual (Jones et al., 2018). A religião tem papel relevante no discurso de mudança de orientação sexual e a “culpa religiosa” aparece como uma das principais razões alegadas pelos indivíduos. Spitzer (2003) constatou que 79% dos sujeitos homossexuais entrevistados declararam ter esse desejo porque sua orientação sexual entrava em conflito com sua religião.

O efeito das objeções éticas manifestadas pelas associações profissionais à prática das TC não tem necessariamente impacto sobre os praticantes dessas terapias que não são afiliados a essas entidades, como, por exemplo, os capelães de escolas nos Estados Unidos. Os “praticantes” religiosos, que neste país exercem suas atividades tanto em instituições religiosas como no ambiente escolar, são uma fonte importante de proselitismo de crenças obscurantistas que disseminam e perpetuam a retórica trans-homofóbica (Cheers et al., 2019). A propagação dessas formações discursivas pode levar ao incremento da hostilidade e do *bullying* homofóbico, insuflando discursos de ódio que têm como alvo preferencial as minorias sexuais e de gênero, o que, ao menos em alguns casos, pode favorecer uma posição favorável e até legitimar o uso das TC, sob o pretexto de que se almeja proteger o indivíduo dos ataques dos pares. Estudos comprovam que essa conjuração de forças coercitivas tem efeitos deletérios no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, convertendo-se em fonte de sofrimento psíquico persistente (Cheers et al., 2019; Drescher, 1998).

Deve-se ter em mente, entretanto, que a relação entre religiosidade e motivação para buscar TC mostrou ser completamente mediada pela homonegatividade internalizada. De modo geral, parece que a orientação religiosa *per se* tem uma importância relativamente menor para predizer a propensão do indivíduo em buscar TC, quando considerada juntamente com o efeito da homonegatividade internalizada (Tozer & Hayes, 2004). As mensagens negativas que a pessoa internaliza sobre sua experiência de se sentir atraída sexual e afetivamente por alguém do mesmo gênero são componentes críticos para que ela considere a possibilidade de buscar ou aceitar uma TC.

Por outro lado, indivíduos que já passaram pela adolescência e se encontram em etapas mais avançadas do desenvolvimento de suas identidades tenderiam a buscar menos esse tipo de terapia, na medida em que se sentem mais confortáveis com sua orientação sexual. Os resultados obtidos pelo estudo de Tozer e Hayes (2004) apoiaram essa hipótese tanto para mulheres como para homens, seja em termos de desenvolvimento da identidade individual como de grupo. Indivíduos mais evoluídos na gestão de sua própria identidade (socialmente lida como marginalizada) podem ter desenvolvido mecanismos de defesa, tais como aproximação com um grupo de apoio social e fortalecimento da autoestima. Isso lhes permite ter resiliência e se ajustarem a um ambiente que se mostra hostil e homofóbico, conseguindo ainda assim desfrutar de uma vida satisfatória e com significado.

Além disso, a convicção básica de pertencer a um determinado gênero é contingencial e não necessariamente alinhada ao sexo biológico, e a identidade de gênero já está presente muito cedo na vida da criança, pelo menos desde que ela começa a falar (Marques & Sousa, 2016; Moscheta et al., 2013). O exato processo de como meninos começam a se perceberem como meninos, e meninas como meninas, não é conhecido, sendo mais provável que isso se dê em decorrência de serem socializados como meninos ou meninas (Martínez-Guzmán &

Íñiguez, 2017; Shively & De Cecco, 1977). Baseando-se nesses pressupostos, as abordagens convencionais e não patologizantes entendem que o papel do terapeuta é ajudar os(as) clientes a lidarem com a gama de sentimentos que emergem à medida que exploram suas possíveis identidades sexuais (Drescher, 2002; Freitas et al., 2017).

Por outro lado, com relação àqueles que foram submetidos a métodos análogos à TC, é preciso auxiliá-los a recompor sua subjetividade estilhaçada, mas de maneira que se possa dignificar seu sofrimento, entendendo que a dor do outro deve ser elevada a uma condição que desnude a opressão objetificadora das relações sociais contra aqueles(as) que não participam da ordem heteronormativa. Um modelo convencional de psicoterapia, qualquer que seja sua fundamentação teórico-metodológica, considera o estabelecimento de uma identidade heterossexual, homossexual ou bissexual como desfecho possível do tratamento (Drescher, 2002).

O estudo de Cheers et al. (2019) engrossa o coro de evidências que questionam a eficácia das TC quando aplicadas a crianças e discute a relevância de assumir um posicionamento crítico na prática do serviço social, destacando as incertezas geradas pelas leis propostas na Austrália. Nesses pseudo-tratamentos, as infrações éticas e as violações aos direitos humanos são flagrantes e incluem, segundo a literatura (Drescher, 2002; Drescher et al., 2016): obtenção de consentimento livre e esclarecido subjetivo, dado o contexto coercitivo nos quais essas práticas geralmente se inscrevem e seu fundo turvo; métodos duvidosos guiados por princípios fundamentalistas e ideologias obscurantistas; falácias como comunicar aos pacientes que a homossexualidade é um transtorno mental com base unicamente nas crenças pessoais dos profissionais, quando já está bem assentado, atualmente, que não existem evidências científicas que corroborem essa proposição.

Outros desvios éticos e violações aos direitos fundamentais e à dignidade da pessoa humana são identificados na TC, tais como: quebra de confidencialidade (conselheiros que atuam em escolas religiosas que ignoram o sigilo e informam aos funcionários da administração sobre o comportamento sexual de um aluno que fora discutido em terapia, o que pode levar à estigmatização e por vezes à expulsão do estudante; pressão inadequada exercida sobre os pacientes (por exemplo, ameaça de interrupção do “tratamento” caso não se submetam à autoridade do terapeuta); abandono de pacientes que, eventualmente, decidem deixar o tratamento reafirmando-se como gays ou lésbicas, ou relutância em encaminhar um paciente para um terapeuta afirmativo quando a TC falha em seus propósitos; uso indiscriminado da ideologia do tratamento – por exemplo, independentemente da probabilidade de sucesso, os terapeutas de conversão recomendam seus tratamentos a qualquer pessoa, sem considerar as particularidades de cada contexto, personalidade e situação de vida (Drescher, 2002; Drescher et al., 2016).

De acordo com a pesquisa conduzida pelo The Trevor Project (2021), 27% dos 35.000 jovens que participaram do levantamento realizado relataram que haviam passado por TC em algum momento e que tiveram ao menos uma tentativa de suicídio no último ano. Pessoas transgênero e não-binárias reportaram uma chance de terem sido submetidas à TC duas vezes maior do que pessoas LGBTQIA+ cisgênero. Além disso, 83% dos jovens LGBTQIA+ que foram submetidos à TC relataram que isso aconteceu quando tinham menos de 18 anos (The Trevor Project, 2021). Esses dados, extraídos de uma amostra robusta, são suficientes para alertar pais, educadores, profissionais e gestores de serviços educativos e de saúde sobre os riscos de um eventual encaminhamento de jovens para programas de reorientação sexual.

Quanto à questão da existência de uma norma geral que também se aplicaria às TC como um todo, seja para menores de idade ou adultos, há evidências suficientes de que os métodos utilizados para supostamente eliciar a mudança de orientação sexual podem equivaler à tortura ou tratamento cruel, desumano ou degradante. Este é especialmente o caso de métodos que incorporam dor física, como a terapia de aversão com uso de choques elétricos. No caso

da dor psicológica, porém, a distinção entre tortura e tratamento cruel, desumano ou degradante é pouco clara e, portanto, cada método precisa ser avaliado individualmente com base em sua natureza, propósito e gravidade dos prejuízos causados. No entanto, os países são obrigados, nos termos da Convenção Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, a tomarem medidas positivas para proibir os métodos de mudança de orientação sexual que induzem sofrimento físico e psicológico (Nugraha, 2017).

Obras artísticas e produtos da indústria cultural, como filmes, vídeos e outros materiais audiovisuais, fornecem uma oportunidade interessante para visibilizar o impacto do não reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão nos modos de subjetivação da população LGBTQIA+ (Boffi & Santos, 2021; Risk & Santos, 2021a; Souza & Santos, 2021a, 2021b). O mais proeminente representante da corrente latino-americana dos estudos culturais, Martín-Barbero (2015), defende que o estudo das produções criadas pelas mídias deve ser contextualizado à luz das matrizes históricas, sociais e culturais em que elas são produzidas. Devemos considerar as mediações existentes entre essas matrizes e os formatos industriais. O autor chama a atenção para o fato de que as gramáticas discursivas da cultura popular, que incluem os discursos subalternos, articulam-se e se hibridizam com os discursos hegemônicos e com as formas técnico-industriais de produção da cultura (Risk & Santos, 2021a). Essas matrizes também são permeadas pelas relações de poder, pelas sociabilidades estabelecidas no cotidiano e pelos interesses do Estado, que busca manter a ordem social e a estabilidade das instituições.

Para Martín-Barbero (2015), essa busca de equilíbrio é constantemente desafiada pelo tensionamento das forças sociais, que buscam o reconhecimento de seus direitos (no caso das chamadas “minorias” sexuais e de gênero) ou a estabilidade e manutenção de seus privilégios (no caso da “maioria”). Filmes, séries e telenovelas, por meio de seus enredos e personagens, refletem essas conflagrações a partir da exploração de antinomias, tais como pobreza *versus* riqueza, centro *versus* periferia, metrópole (moderno) *versus* interior (arcaico), heterossexualidade *versus* homossexualidade, opressão *versus* emancipação (Risk & Santos, 2021a).

Com base nessas premissas, o objetivo deste estudo é analisar os processos de subjetivação presentes em personagens homossexuais apresentados no filme “O mau exemplo de Cameron Post” (Clark & Akhavan, 2018), estabelecendo um diálogo crítico com foco na discussão sobre os efeitos subjetivos da aplicação da TC, tema que atravessa a narrativa do longa-metragem. A escolha desta obra se deve ao fato de que o enredo do longa-metragem se concentra no período em que a protagonista permanece confinada na instituição que aplicava a TC – eufemisticamente chamada de “acampamento”. Outro aspecto que contribuiu para a escolha da fonte documental foi o minucioso processo de desnudamento das táticas e procedimentos utilizados em tal “terapia”. Além disso, a obra faz uma exposição esclarecedora sobre o relacionamento da personagem com os profissionais e funcionários da “clínica” e com os demais jovens que estavam internados naquele espaço de “reabilitação”, esmiuçando como os vínculos estabelecidos podem fortalecer ou, pelo contrário, invalidar a identidade sexual da protagonista.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, de análise documental, que utilizou o método de análise fílmica, tendo como referencial teórico os estudos de gênero. A pesquisa documental se vale de métodos e técnicas que buscam apreender, compreender e analisar documentos de diversos tipos e origens (Sá-Silva et al., 2009). Neste recurso metodológico o termo documento é ampliado e se relaciona a toda fonte de informações que já existiu e a que se pode ter acesso.

Documentos sonoros e visuais, como os filmes, também oferecem informações valiosas (Laville & Dionne, 1999; Risk & Santos, 2021b).

Para definição dos critérios para coleta de material e composição do *corpus* foram seguidos os passos metodológicos e procedimentos propostos por Risk e Santos (2021b) e em conformidade com outros estudos que utilizaram a análise fílmica para investigar questões de gênero e sexualidade (Boffi & Santos, 2021; Souza & Santos, 2021a, 2021b).

(1) Definição do *corpus*: delimitou-se o problema a ser investigado (analisar os discursos sobre TC) e definiu-se o objeto (filme) e a mídia (cinema) estudada. Na organização do *corpus* deste estudo, em primeiro lugar escolhemos um filme: “O mau exemplo de Cameron Post” (Clark & Akhavan, 2018), como materialidade a ser tomada em consideração.

(2) Segmentação do *corpus*: foram definidas as cenas de interesse e os elementos audiovisuais que deveriam ser transladados/transcritos, a partir das regras estipuladas pelo método de análise fílmica;

(3) Análise dos dados: consistiu em escrutinar os enunciados presentes no *corpus* por meio da análise de conteúdo (Laville & Dionne, 1999), tendo como critérios os aspectos levantados pelos estudos que problematizam a TC, à luz de matrizes históricas, sociais e culturais. Assim, após delimitar o *corpus* e segmentá-lo, foi estabelecida sua mediação com outras fontes, como documentos, leis e textos de jornais. Esse passo metodológico consistiu em contextualizar a recepção do *corpus*, confrontando-o com outros discursos, provenientes de outras fontes, produzidos na mesma época em que se desenrola a trama analisada, de forma a fazer a triangulação. Considera-se que toda mídia está submetida a constante mediação pelos discursos e forças sociais vivas, presentes na sociedade civil organizada. Mediação é um conceito proposto por Martín-Barbero (2015) e remete à necessidade de contextualizar o *corpus* no interior das disputas para delimitar que discursos e práticas são definidos como hegemônicos em contraposição a outros, marcados como subalternos.

Em síntese, o percurso analítico partiu da premissa de que a leitura e interpretação da obra/*corpus* dependem de seu contexto, do olhar de quem lê e interpreta, sendo importante esquadriñar os enunciados do texto, suas afirmações e omissões, o que nele “grita” e o que nele é silenciado, bem como aspectos que são colocados à margem ou suprimidos do próprio corpo argumentativo (Risk & Santos, 2021b).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram organizados em torno de dois eixos temáticos: (1) Construção da narrativa: obra escolhida, personagens e enredo; (2) Análise compreensiva da trajetória da protagonista.

CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: OBRA ESCOLHIDA, PERSONAGENS E ENREDO

O filme “O mau exemplo de Cameron Post” é uma obra de ficção produzida nos Estados Unidos em 2018 pelas produtoras *Beachside Films* e *Parkville Pictures*. O longa-metragem teve seu roteiro adaptado do livro homônimo escrito por Emily M. Danforth, que teve seu lançamento no contexto brasileiro em 2017. O filme, dirigido por Desiree Akhavan, foi o vencedor do Festival Sundance de Cinema em 2018, a principal vitrine para filmes independentes do mundo, o que por si só é um indicativo da qualidade e interesse da película.

Os acontecimentos narrados em “O mau exemplo de Cameron Post” se passam no ano de 1993. Acompanhamos Cameron (Chloë Grace Moretz), uma adolescente que cursa o ensino médio e que reside em uma cidade do interior do estado da Pensilvânia. Desde a morte dos pais, Cameron vive na casa de Ruth (Kerry Butler), uma tia que tem sua vida e cotidiano rigidamente ordenados pela tradição religiosa. A protagonista frequenta um grupo de estudos bíblicos e lá conhece Coley (Quinn Shephard), uma menina da mesma idade que se torna sua

amiga próxima. Cameron e Coley acabam se envolvendo romanticamente e, na noite do baile de formatura da escola, elas saem do salão de dança e entram no carro no qual vieram para o baile. As duas começam a consumir drogas e, em seguida, iniciam uma relação sexual. Porém, são surpreendidas por Jamie (Dalton Harrod), namorado de Cameron, que as flagra dentro do carro. Aparentemente por vingança, Jamie conta para Ruth o que testemunhou naquela noite e a tia, incontinentemente, decide mandar Cameron para o *God's Promise* (“Promessa de Deus”), um acampamento religioso com foco na prática da TC, criado especialmente para a “cura” de adolescentes que “sofrem com a atração por pessoas do mesmo sexo”.

ANÁLISE COMPREENSIVA DA TRAJETÓRIA DE CAMERON

Graças a um roteiro elaborado de forma linear, acompanhamos um período sombrio da transição adolescente de Cameron e sua experiência de ser incluída, de forma compulsória, em um programa de “conversão” que prometia “curá-la de seu desvio sexual”. Trata-se de um bem armado dispositivo contemporâneo de apagamento da homossexualidade, baseado na descredibilização das escolhas que alguns/algumas adolescentes estabelecem e de suas iniciativas de afirmação daquilo que eles(as) são.

O discurso religioso-messiânico está condensado no próprio nome do “acampamento” (*Promessa de Deus*), cuja rotina programada é apresentada logo no início do filme. Os(as) alunos(as) realizam diversas atividades, muitas vezes em grupo, atendendo a solicitações diversas, que têm por propósito fornecer meios de expressão para que exorcizem seus fantasmas pessoais e familiares. Assim, “confissões” são arrancadas, de forma grosseira e coercitiva, de jovens adolescentes fragilizadas(os) que são afastadas(os) do convívio familiar e entregues pelas próprias famílias aos cuidados de uma equipe de supostos “especialistas” em consertarem tendências e comportamentos sexuais considerados aberrantes. Assim, aqueles(as) jovens são segregados(as) e permanecem confinados(as) “para seu próprio bem”. São seres desacreditados pelas próprias famílias, inseguros e submetidos diuturnamente a procedimentos de desconstrução de suas identidades em formação. Alguns são de tal forma desestabilizados que chegam a atentar contra a própria vida.

Em uma das atividades “terapêuticas” propostas, todos(as) foram solicitados(as) a preencher a figura de um *iceberg*, no qual deveriam identificar os motivos e traumas que supostamente os(as) teriam levado a sentirem atração por pessoas do mesmo gênero. Depois, vemos os(as) alunos(as) participando de grupos “terapêuticos” e sessões de aconselhamento, nas quais são expostos(as) a procedimentos constrangedores e crivados(as) de perguntas invasivas sobre suas experiências com pessoas do mesmo gênero e suas relações familiares. Inquirições intrusivas e interrogatórios intimidadores se sucedem sem o menor cuidado e sempre em público, com o objetivo de desmontar defesas, humilhar e intimidar aqueles(as) que já entraram ali desmoralizados(as) e condenados(as) por seus “desvios” abomináveis.

Submetida regularmente às estratégias de manipulação, intimidação e violência psicológica, Cameron e os demais são persuadidos a compreenderem que a homossexualidade guarda relação com algum “trauma” vivido durante a infância e que, por isso, seria imperativo dissecar as relações com sua família de origem (Clark & Akhavan, 2018; Jones et al., 2018). Além disso, também eram desenvolvidas atividades de cunho religioso, como ouvir intermináveis sermões, participar de *shows* de bandas cristãs, exercitar-se com vídeos de temática religiosa, entre outros conteúdos entediantes para a população adolescente. Essas atividades mostram como as intervenções fundamentadas em crenças religiosas e estereótipos sexuais e de gênero estão impregnadas na TC (Jones et al., 2018), a começar pelo uso da palavra “conversão” e do nome dado ao acampamento. A forte conotação religiosa, no entanto, era mascarada pelo caráter supostamente “científico” do programa de reabilitação implementado, um disfarce utilizado para justificar o uso disseminado da truculência e da modelagem heteronormativa ali praticada.

Outra questão que vale a pena ressaltar é que a “clínica” parece ser aberta a pessoas de todas as idades, porém a maior parte da clientela que retratada no filme é constituída por jovens, alguns dos quais sequer tinham completado a maioridade. É muito provável que esses(as) jovens estejam sendo selecionados(as) de forma proposital na transição adolescente, quando se encontram em um estágio do ciclo vital especialmente vulnerabilizante, com base em uma crença de que são mais influenciáveis e moldáveis a procedimentos de *ortopedia* moral. É importante assinalar a tolerância e conivência da comunidade em relação a esse tipo de “programa” pseudocientífico, voltado para uma finalidade tão desprezível quanto inexequível, havendo um endosso tácito das famílias para que os jovens tenham seu comportamento desviante devidamente escrutinado, consertado e corrigido.

A “clínica” oferece às famílias um “serviço” que não tem legitimidade no campo das boas práticas, que devem ser fundamentadas em pressupostos éticos e científicos rigorosos e validados. A “terapia” institucionaliza rotinas contrárias ao melhor interesse dos adolescentes, com a prática disseminada da violência moral e psicológica, embebida em proselitismo religioso que viola o mais elementar dos direitos humanos que é ser o que se é. Cria-se um simulacro de intervenções comportamentais sem qualquer lastro “científico”, mas que emulam princípios e termos técnicos consagrados na ciência comportamental, tais como “tratamento”, “terapia”, “clínica” e “trauma infantil”. Os “profissionais” implementam procedimentos improvisados, baseados no fanatismo religioso mais canhestro e em uma personificação distorcida e fascistoide de técnicas comportamentais.

Além de serem vítimas de procedimentos toscos, os(as) alunos(as) não parecem receber qualquer tipo de informação qualificada sobre sexualidade e tampouco sobre educação sexual (Cheers et al., 2019; Nugraha, 2017), prevalecendo a reificação de versões estereotipadas e deturpadas sobre sexo/gênero, baseadas na exaltação da heteronorma e da função reprodutiva do sexo. Cameron comenta, inclusive, que percebe que os funcionários da clínica não sabem o que estão fazendo com os(as) jovens entregues aos seus cuidados, já que não têm qualquer qualificação ou domínio de conhecimentos baseados em evidências científicas para praticar a tal da TC. No final, o choro do Reverendo Rick, que reconhece não ter uma resposta convincente para dar para o questionamento feito por Cameron, revela que até mesmo os opressores tinham uma tênue consciência sobre a arbitrariedade de seus próprios atos.

Estudo de Cheers et al. (2019) expôs os efeitos potencialmente devastadores das tentativas de organizações religiosas para alterarem a orientação sexual ou identidade de gênero de crianças e adolescentes que expressam sua sexualidade e/ou gênero de maneira contranormativa, não binária ou não convencional. Relatório elaborado pela entidade The Trevor Project (2021) chamou a atenção para uma porcentagem elevada de jovens estadunidenses que tentaram suicídio depois de passarem pela experiência de TC. O filme “O mau exemplo de Cameron Post” aborda essa situação de vulnerabilização ao mostrar Mark, um aluno que foi duramente criticado pelo pai por ser “menos masculino” e, por essa razão, proibido de deixar o *God’s Promise* e voltar para casa.

No final do filme, Cameron, ao conversar com Rick, fica sabendo que Mark, em um ato de desespero, havia mutilado seus órgãos genitais e jogado alvejante nos cortes. Tal reação mostra como a homonegatividade, que a clínica tenta incutir nos alunos, é danosa e perversa, desencadeando intenso sofrimento e levando alguns alunos a tomarem medidas extremas e autodestrutivas quando se veem no limite do suportável. Isso acontece quando não conseguem alcançar o impossível, que é abdicarem de quem são, renunciando aos seus sentimentos e se autoviolentando em suas identidades pessoais.

Por outro lado, como recomendam Tozer e Hayes (2004), indivíduos que estão mais avançados no processo de desenvolvimento de seu autoconceito e orientação não heteronormativa podem servir como modelos positivos para aqueles que vivenciam conflitos na integração de suas identidades, promovendo oportunidades para a conquista de

autoaceitação e reduzindo a propensão a buscar pseudo-soluções que acabarão por agravar ainda mais seu sofrimento. Jane e Adam são personagens que, a todo o momento, mostram-se predispostos a não aceitarem passivamente as crenças doutrinárias da clínica. Adam se nega a mudar seu corte de cabelo (ainda que, posteriormente, tenha sucumbido e “baixado a guarda” ao se ver forçado por Lydia), Jane escreve durante as atividades aquilo que ela sabe que Lydia e Rick vão gostar de ler, embora não concordem com suas próprias palavras.

Adam e Jane conversam abertamente sobre seus relacionamentos com pessoas do mesmo gênero e não demonstram nenhum tipo de preconceito ou condenação moral em relação a essa preferência, além de não mostrarem o menor interesse em mudar sua orientação sexual. Aliás, Adam e Jane já estavam há mais tempo no acampamento e por isso puderam auxiliar Cameron nas vezes em que ela hesitava e sentia que “realmente tinha algo errado” com sua orientação afetivo-sexual. Assim, Adam e Jane foram decisivos para validarem os sentimentos genuínos, as experiências afetivas e a identidade não heteronormativa da protagonista.

É imperativo pensar também nas questões éticas que perpassam a TC (Drescher, 1998). Os alunos destinatários das intervenções desconheciam completamente como o “tratamento” funcionava. De forma intencional, não eram oferecidos esclarecimentos sobre o programa implementado, o que coloca em xeque a questão do consentimento livre e esclarecido. No filme, vemos Cameron assinando o contrato da instituição sem receber qualquer explicação sobre o documento. Sem espaço para ser de fato informada sobre o “tratamento” que receberia, foi constrangida a firmar um termo no mesmo dia em que foi admitida na clínica. A mala da protagonista é revistada na frente da colega de quarto e da tia, e seus objetos pessoais são confiscados, dando prosseguimento a um ritual de admissão na instituição marcado pelo autoritarismo e requintes de perversidade e despersonalização. Os(as) alunos(as) eram obrigados(as) a participar compulsoriamente de todas as atividades do programa, mesmo que se sentissem constrangidos(as) ou incomodados(as) com algumas delas.

Há uma cena em que Cameron, durante sua participação em um exercício em grupo, é pressionada a falar sobre aspectos de sua relação íntima com Coley. Alunos(as) que não conseguiam cumprir as normas da instituição eram severamente punidos(as): Adam teve seus cabelos raspados por Lydia, que entendia que ter cabelo longo não era uma característica masculina; Lydia pisou nas costas de Mark para impedi-lo de se expressar; alunos considerados rebeldes ou desobedientes tinham direitos suprimidos, como o direito de decorar o quarto de acordo com seu desejo ou de receber as cartas que lhe eram endereçadas (Drescher, 2002; Drescher et al., 2016). Aqueles(as) que não se dobravam à disciplina implacável da clínica recebiam punições exemplares, além de terem seus passos vigiados o tempo todo.

O exercício do *iceberg* elaborado pelos(as) alunos(as) afirma peremptoriamente que algo de errado aconteceu na vida deles(as) para que se “tornassem” homossexuais ou “confundissem” sua real orientação, que seria, naturalmente, heterossexual. Lydia e Rick apontam que a morte dos pais de Cameron, seu envolvimento com um esporte competitivo e, portanto, “masculino” (corrida), seu nome masculino, sua inveja de Coley, foram experiências adversas que fizeram com que a protagonista se desviasse do bom caminho e sentisse (ou acreditasse sentir) atração pelo mesmo gênero. É como se a dor e sofrimento fossem necessários para que o “bem” pudesse ser alcançado, culminando com um desfecho redentor que colocaria os corpos recalitrantes em conformidade com a heteronormatividade.

Em uma das sessões de aconselhamento, Lydia pergunta retoricamente para Cameron se ela achava que seus pais estariam orgulhosos dela atualmente, insinuando que a persistência de sua homossexualidade desapontaria profundamente o casal parenteal. Uma das maiores perversidades dessa estratégia é utilizar a memória dos pais prematuramente mortos para intimidar a jovem, expondo-a impiedosamente a uma ferida aberta. A prática de sacrifícios e o aniquilamento progressivo da dignidade humana está, assim, perfeitamente justificada em nome da harmonia da comunidade religiosa e do ideal cristão da “sagrada família”. No

itinerário da “reabilitação” das ovelhas desgarradas, alguns alunos se machucaram, outros foram abusados, torturados e revitimizados. Também houve quem se calou, resignado, enquanto outros demonstraram dificuldade em expressar seu inconformismo com a abordagem violenta e desrespeitosa a que foram submetidos, além do fato óbvio de que Lydia, uma terapeuta experiente, não conseguia olhar com empatia para o sofrimento emocional dos alunos (Drescher, 2002).

No filme, um investigador é chamado para avaliar as condições de cuidado do acampamento e começa a inquirir cada aluno(a) individualmente. Ao interrogar Cameron, ele pergunta se a adolescente se sente segura no acampamento e se ela confia nos funcionários. A protagonista responde que não e o investigador a pressiona, perguntando se ela havia passado por situações objetivas de abuso, como é frequente na trajetória de vida de pessoas LGBTQIA+ (Souza-Santos & Santos, 2021; Souza et al., 2021). Cameron explica que nunca passou fome ou frio no acampamento e que nunca sofreu agressões físicas ali, porém pontua que ensinar os alunos a se odiarem por serem quem são é uma forma de abuso emocional.

Por falar em tentativas de apagamento e silenciamento do sofrimento psíquico e moral de lésbicas e gays vitimizadas(os), é importante considerar também os avanços, insurgências e transformações positivas que se observam no cenário desde a década de 1970. Com a progressiva descriminalização da homossexualidade em vários países e a decisão da Organização Mundial da Saúde de remover essa categoria do catálogo de transtornos mentais, em 1973, os profissionais de saúde mental começaram a mudar seu foco clínico. Em vez de buscarem a suposta etiologia para implementarem uma diretriz de “cura” da homossexualidade, passaram a orientar seu trabalho para a exploração das preocupações e angústias dos(as) clientes que se encontram em processo de desenvolvimento de suas identidades não heteronormativas.

Estudos que revisaram os modelos de formação da identidade na população LGBTQIA+ revelaram sua fluidez e complexidade, bem como suas contradições (Bilodeau & Renn, 2005; Nascimento et al., 2015; Shively & De Cecco, 1977). No desfecho do filme, vemos Cameron, Jane e Adam estabelecendo um pacto de solidariedade que lhes permite escapar do ambiente opressivo da clínica a bordo de um caminhão, na estrada que significa provavelmente apenas o primeiro, mas decisivo passo de uma longa jornada rumo à emancipação e amadurecimento pessoal. A câmera desvela um sorriso que ilumina seus rostos, o que pode ser lido como marco simbólico da conquista da liberdade de serem quem são e início de uma nova trajetória em direção a trans-formações positivas que poderão resultar na integração da homoafetividade à personalidade.

É preciso considerar as implicações para a prática das(os) psicólogas(os). Como pano de fundo às questões que discutimos, identificamos o fenômeno da relação entre Psicologia e religião. É notório que alguns profissionais acabam por inserir suas crenças religiosas em sua prática profissional, quando a Psicologia, como ciência e profissão, deve se manter laica, de acordo com o entendimento da categoria, consensualmente estabelecido e consagrado pelo Conselho Federal de Psicologia [CFP]. Como salientamos, o próprio termo “conversão” sugere uma apropriação arbitrária, abusiva e autoritária que se faz do campo religioso.

Nos últimos anos, nota-se que líderes de igrejas neopentecostais passaram a mostrar interesse crescente por fazerem certas apropriações, parciais e abusivas, do campo da Psicologia. Uma das razões que podem explicar essa súbita e curiosa preocupação é que, nessas denominações religiosas, a figura do líder espiritual encarna uma agência de persuasão, que graças à sua autoproclamada sabedoria e à autoridade com que se diz investido, se sente imbuído da missão de guiar seus fiéis no caminho da retidão moral e no que identificam como sendo “o caminho de Deus”. Então não é por acaso que os líderes fundamentalistas elegeram a Psicologia, entre outras estratégias de poder, com o objetivo de fortalecer suas habilidades de convencimento dos adeptos. Não é sem razão que eles, inclusive, se apropriaram sem o menor

pudor de certos termos técnicos do campo *psi*, como “terapia”, “cura”, “escuta”, “sofrimento emocional”, “trauma”, descontextualizando-os e distorcendo seus significados, de modo a servirem aos seus propósitos pastorais, favorecendo a manipulação da massa de seguidores.

Reza o estatuto de boas práticas que os profissionais *psi* não podem compactuar com práticas pseudocientíficas e obscurantistas, como as que estão por trás da ideologia da “conversão sexual”, mas certamente não devem se furtar de investigar as ideias e sentimentos negativos que podem ser identificados em alguns clientes que se percebem atraídos por pessoas do mesmo gênero. O desejo de procurar “terapia de conversão” pode ser, na verdade, expressão de representações sociais e mensagens negativas introjetadas sobre a homossexualidade, com as quais o próprio sujeito homossexual muitas vezes se identifica ao longo de seu processo de socialização em uma sociedade homofóbica (Tozer & Hayes, 2004).

A introjeção da homonegatividade é parte constitutiva dos estágios iniciais do desenvolvimento da identidade lésbica, gay ou bissexual. Há cada vez mais evidências de que a maior vulnerabilidade das pessoas homossexuais a conflitos psíquicos ou transtornos mentais parece ser decorrente de um contexto social caracterizado por condições adversas ao desenvolvimento, permeado pela disseminação da homofobia que se expressa por meio de estigmas, preconceitos, discriminação e comportamentos violentos (Alvarenga et al., 2021; Lira & Morais, 2020; Scorsolini-Comin et al., 2013; Tombolato et al., 2018, 2019).

Esse segmento da população LGBTQIA+ merece atenção diferenciada e apoio psicológico, com vistas ao fortalecimento de seus vínculos e à expansão de sua rede significativa de apoio social (Braga et al., 2017; Peixoto et al., 2021; Santos et al., 2007). Adolescentes que vivenciam os desafios da assunção à identidade homossexual (*coming out*) exigem do profissional de saúde o domínio de competências específicas, tanto na esfera clínica como sociocultural, e aquisição de conhecimentos atualizados que fundamentem cuidados voltados ao atendimento de necessidades específicas para assegurar uma abordagem sensível às demandas da população LGBTQIA+ (Alvarenga et al., 2021; Souza-Santos & Santos, 2021).

Os profissionais de Psicologia têm o dever ético de, ainda que mantendo uma postura respeitosa em relação às crenças equivocadas de alguns que insistem em acreditar na possibilidade de conversão da orientação sexual de um indivíduo, desafiar as crenças subjacentes a essa ideia preconceituosa sobre a homossexualidade (Dullius & Martins, 2020; Gaspodini & Falcke, 2018; Moscheta et al., 2016). É importante encorajar a sociedade a se despir de seus preconceitos e juízos de valores e, simultaneamente, auxiliar lésbicas e gays a fortalecerem sua rede de apoio social e a desenvolverem laços solidários dentro da comunidade LGBTQIA+ (Santos et al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a trama que sustenta a narrativa descreve a trajetória acidentada do processo de amadurecimento de Cameron, uma adolescente que, depois de ser descoberta pela tia mantendo relações sexuais com outra menina, vê-se constrangida a se internar voluntariamente em um “serviço” que oferece TC para pessoas com prática homossexual. Esses “serviços” são muito disseminados na cultura estadunidense. A tolerância social à persistência desse tipo de dispositivo na era contemporânea é por si só motivo de espanto, visto que tanto no contexto brasileiro como global já há cinco décadas deixamos de entender a homossexualidade como psicopatologia, adotando o posicionamento de que se trata de mais uma possibilidade de expressão da sexualidade, tão válida e legítima como qualquer outra. Portanto, já se observa um consenso de que não existe homossexualidade como categoria clínica ou configuração psicopatológica, uma vez que se trata apenas de uma variação do amplo espectro da sexualidade.

Terapeutas que cuidam de indivíduos que estão em processo de autodescoberta e que enfrentam elevado grau de conflito “interno” em relação à sua orientação sexual – e que podem,

a qualquer momento, considerar a possibilidade de se submeterem a um processo terapêutico que acena com a promessa de uma “conversão” milagrosa –, encontrarão na trama representada no filme e no livro insumos para se instrumentalizarem, principalmente do ponto de vista dos limites éticos que demarcam sua atuação. É importante estender esse debate a toda a sociedade, para que todos(as) conheçam e se situem frente à questão de maneira aberta, curiosa e acolhedora em relação às manifestações da diversidade humana.

O filme analisado evidencia como a vida daqueles(as) jovens, sob um regime opressivo, se resume muitas vezes a uma escolha entre resistir com altivez ou não sobreviver, em um tortuoso caminho de constituição da subjetividade nos embates com o ambiente social. Não se pode ignorar o sofrimento de Cameron ao se ver confrontada pela família e pressionada a se submeter à violência inominável de uma “terapia” que busca anular sua identidade, sob pena de arriscar-se a perder o apreço e respeito daqueles que são importantes para ela (ainda mais que já perdera prematuramente seus pais), e que simplesmente não a aceitam como ela é.

Inicialmente, a protagonista parece ter assentido, ainda que a contragosto, com o destino que lhe fora imposto. O sistema opressor não existe fora ou para além das relações que nele operam, mas se encontra difuso nas micro-relações cotidianas. Frente à situação esmagadora e sentindo-se subjugada por uma máquina exterminadora de subjetividades, o que fazer? O que pode uma jovem em tais circunstâncias, quando se está sob absoluto desamparo e entregue à própria sorte, senão se dobrar momentaneamente, na tentativa de preservar um resquício mínimo de humanidade para conservar intacto um liame mínimo de vida interior?

Segregada do convívio social pela tia e lançada sem compaixão à “cova dos leões”, como estratégia de permanência e sobrevivência ela tentou assimilar os códigos da instituição e conhecer por dentro seu repertório de banalização do ódio. Sua mudança de postura – da submissão e impotência inicial à atitude indignada e contestatória no final – mostra-se um poderoso instrumento de resistência à ameaça de autoanulação e exclusão social. Na sua singularidade, é um libelo emancipatório contra as engrenagens opressoras institucionalizadas. Acima de tudo, essa insurgência é expressão da afirmação da dignidade humana.

No desfecho da trama ficcional é reconfortante perceber que a personagem Cameron conseguiu aproveitar sua intensa jornada de sofrimento para se fortalecer e encontrar sua voz própria, rejeitando o eco mecânico e messiânico que lhe fora imposto. Mestre da sobrevivência, como tantas pessoas LGBTQIA+, a jovem sabia que era preciso atravessar a dor e sair viva do outro lado, naquilo que para ela mostrou ser uma experiência bem-sucedida de superação dos traumas ocasionados pela incompreensão de seu meio familiar e social. Mesmo ferida e exposta, mostrou ter se fortalecido e capaz de recompor sua humanidade. Ainda é cedo para concluirmos que sua estrutura psíquica permanece intacta e que sua personalidade foi positivamente transformada após a travessia cumprida. O filme não oferece resposta para esse devir, mas aponta pistas promissoras. Ela se mostra capaz de manter laços afetivos e de solidariedade com seus dois amigos, Jane e Adam, não por acaso também vítimas do mesmo sistema opressivo.

A trajetória acidentada da personagem Cameron permite lançar alguns questionamentos. No espaço ficcional, ela conseguiu sobreviver às vicissitudes do dispositivo aniquilador da diferença, mas seria esse êxito a regra ou a exceção no mundo real? Quantos adolescentes que vivem imersos em comunidades conservadoras ainda são vítimas de intolerância e preconceito? Quantos jovens promissores sucumbiram no meio da travessia e tiveram seu voo interrompido ou se tornaram seres debilitados após terem suas subjetividades esvaziadas? Quantos hoje ainda estão sendo expulsos de suas casas e jogados no desalento da brutalidade das ruas, ou encaminhados às instituições prisionais, reformatórios ou programas de conversão de orientação sexual, caso eles estejam disponíveis? Quantos, assim como Cameron, Jane e Adam, podem responder de modo a se fortalecerem, dando o primeiro passo

em seu processo emancipatório, libertando-se do aprisionamento com um sorriso esperançoso estampado no rosto, sugerindo a possibilidade de construírem um futuro com dignidade?

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, J. G. U., Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021). “Sair ou manter-se no armário?”, eis a questão: Implicações na rede de apoio social e na formação da identidade de um jovem homossexual. In A. C. Bortolozzi, P. R. M. Ribeiro, F. Teixeira, I. Chagas, T. Vilaça, P. O. S. P., Mendes, S. M. M. Melo, C. R. Rossi, & I. P. Martins (Orgs.), *Questões sobre gênero: Novos paradigmas e horizontes* (pp. 197-208). Gradus.
- Bilodeau, B. L., & Renn, K. A. (2005). Analysis of LGBT identity development models and implications for practice. *New Directions for Student Services*, 2005(111), 25-39. <https://doi.org/10.1002/ss.171>
- Boffi, L. C., & Santos, M. A. (2021). A violência não termina com a morte: Corpo travesti e performatividade de gênero a partir do curta-metragem “Os sapatos de Aristeu”. In A. C. Bortolozzi, P. R. M. Ribeiro, F. Teixeira, I. Chagas, T. Vilaça, P. O. S. P., Mendes, S. M. M. Melo, C. R. Rossi, & I. P. Martins (Orgs.), *Questões sobre gênero: Novos paradigmas e horizontes* (pp. 81-89). Gradus.
- Braga, I. F., Silva, J. L., Santos, Y. G. S., Santos, M. A., & Silva, M. A. I. (2017). Rede e apoio social para adolescentes e jovens homossexuais no enfrentamento à violência. *Psicologia Clínica*, 29(2), 297-318. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n2/09.pdf>
- Cheers, H., Rickman, M., Campbell, E., & Ewings, S. T. (2019). Proposal of alternative solutions to address children’s rights violation: Conversion therapy. *Social Justice, Practice and Theory*, 2(2), 1-16. <https://openjournals.library.sydney.edu.au/index.php/>
- Clark, M. B. (Produtor), & Akhavan, D. (Diretora). (2018). *O mau exemplo de Cameron Post*. EUA/Reino Unido: Beachside/Parkville Pictures. Filme.
- Danforth, E. M. (2017). *O mau exemplo de Cameron Post*. Harper Collins Brasil.
- Drescher, J. (1998). I’m your handyman: A history of reparative therapies. *Journal of Homosexuality*, 36(1), 19-42. https://doi.org/10.1300/J082v36n01_02
- Drescher, J. (2002). Ethical issues in treating gay and lesbian patients. *Psychiatric Clinics of North America*, 25(2), 605-621. [https://doi.org/10.1016/s0193-953x\(02\)00004-7](https://doi.org/10.1016/s0193-953x(02)00004-7)
- Drescher, J., Schwartz, A., Casoy, F., McIntosh, C. A., Hurley, B., Ashley, K., Barber, M., Goldenberg, D., Herbert, S. E., Lothwell, L. E., Mattson, M. R., McAfee, S. G., Pula, J., Rosario, V., & Tompkins, A. (2016). The growing regulation of conversion therapy. *Journal of Medical Regulation*, 102(12), 7-12. <https://jmronline.org/toc/jmrg/102/2>
- Dullius, W. R., & Martins, L. B. (2020). Training needs measure for health care of the LGBT+ public. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 30, e3034. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3034>
- Dunker, C. I. L., & Kyrillos Neto, F. (2010). Curar a homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10(2), 425-446. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200004&lng=pt&tlng=pt
- Freitas, D. F., Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2017). Resilience in LGB youths: A systematic review of protection mechanisms. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 27(66), 69-79. <https://doi.org/10.1590/1982-43272766201709>
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Sexual and gender diversity in clinical practice in Psychology. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 28, e2827. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2827>
- Jenkins, D., & Johnston, L. B. (2004). Unethical treatment of gay and lesbian people with conversion therapy. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 85(4), 557-561. <https://doi.org/10.1177/104438940408500414>
- Jones, T., Brown, A., Carnie, L., Fletcher, G., & Leonard, W. (2018). *Preventing harm, promoting justice: Responding to LGBT conversion therapy in Australia*. Melbourne:

- GLHV@ARCSHS and the Human Rights Law Centre. <https://static1.squarespace.com/static/580025f66b8f5b2dabbe4291/t/5bd78764eef1a1ba57990efe/1540851637658/LGBT+conversion+therapy+in+Australia+v2.pdf>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). Em busca de informações. In H. Monteiro, & F. Settineri (Orgs.), *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (pp. 165-196). Artmed / Editora da UFMG.
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2020). Psychosocial adjustment profiles of gay and lesbian individuals involved in marital relations: A cluster-based analysis. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 30, e3013. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3013>
- Marques, F. D., & Sousa, L. (2016). Portuguese older gay men: Pathways to family integrity. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 26(64), 149-159. <https://doi.org/10.1590/1982-43272664201602>
- Martín-Barbero, J. (2015). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (R. Polito, & S. Alcides, Trans.). Editora da UFRJ.
- Martínez-Guzmán, A., & Íñiguez-Rueda, L. (2017). Discursive practices and symbolic violence against the LGBT community within the university setting. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 27(Suppl. 1), 367-375. <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201701>
- Moscheta, M. S., McNamee, S., & Santos, M. A. (2013). Sex trade among men: Negotiating sex, bodies and identity categories. *Psicologia & Sociedade*, 25(n. spe.), 44-53. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000500006>
- Moscheta, M. S., Souza, L. V., & Santos, M. A. (2016). Health care provision in Brazil: A dialogue between health professionals and lesbian, gay, bisexual and transgender service users. *Journal of Health Psychology*, 21(3), 369-378. <https://doi.org/10.1177/1359105316628749>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Nugraha, I. Y. (2017). The compatibility of sexual orientation change efforts with international human rights law. *Netherlands Quarterly of Human Rights*, 35(3), 176-192. <https://doi.org/10.1177/0924051917724654>
- Peixoto, M. F., Conceição, V. M., Silva, S. E. D., Santos, M. A., Nascimento, L. C., & Araújo, J. S. (2021). Compreensões hermenêuticas sobre as vulnerabilidades femininas pertencentes ao coletivo de lésbicas, bissexuais e transexuais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42, e20200133. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200133>
- Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021a). Formações discursivas sobre homossexualidade e família homoparental em telenovelas brasileiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe3), e189811. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189811>
- Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021b). Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: Critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. *Psicologia & Sociedade*, 33, e234657. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33234657>
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: Pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1), 1-15. <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>
- Santos, M. A., Brochado Júnior, J. U., & Moscheta, M. S. (2007). Grupo de pais de jovens homossexuais. *SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 3(2). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200002&lng=pt&tlng=pt
- Santos, M. A., Scatena, L., Ferriani, M. G. C., & Peres, R. S. (2015). Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: A questão da identidade de gênero. *Vínculo*, 12(1), 51-58. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v12n1/v12n1a08.pdf>

- Scorsolini-Comin, F., Souza, L. V., & Santos, M. A. (2013). Discursos sobre a aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual. *Psicologia para América Latina*, 25, 115-131.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2013000200008&lng=pt&tlng=pt
- Shively, M. G., & De Cecco, J. P. (1977). Components of sexual identity. *Journal of Homosexuality*, 3(1), 41-48. https://doi.org/10.1300/J082v03n01_04
- Souza, C., & Santos, M. A. (2021a). Gênero e sexualidade: Reverberações na configuração da subjetividade em *Sailor Moon Crystal*. In L. R. S. Carvalho, & A. C. Bortolozzi (Orgs.), *Leituras sobre a sexualidade em filmes: Animações e músicas* (pp. 137-157). Pedro & João.
- Souza, C., & Santos, M. A. (2021b). “O câncer mudou muito minha vida, mas mudou ela também”: O olhar das parceiras de mulheres lésbicas com câncer de mama sobre as decorrências do tratamento oncológico. In A. C. Bortolozzi, P. R. M. Ribeiro, F. Teixeira, I. Chagas, T. Vilaça, P. O. S. P., Mendes, S. M. M. Melo, C. R. Rossi, & I. P. Martins (Orgs.), *Questões sobre gênero: Novos paradigmas e horizontes* (pp. 145-153). Gradus.
- Souza, C., Oliveira-Cardoso, E., Oliveira, W., Nascimento, L., Araújo, J., Leite, A. C., Neris, R., Risk, E., Braga, I., & Santos, M. (2021). Violência contra mulheres lésbicas/ bissexuais e vulnerabilidade em saúde: Revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(2), 437-453. <http://dx.doi.org/10.15309/21psd220210>
- Souza-Santos, Y. G. (2020). *(Homo)sexualidades masculinas: Subjetividades, desejos e políticas no campo das práticas homoeróticas* [Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto]. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9750465
- Souza-Santos, Y. G., & Santos, M. A. (2021). Social transformations and couple relationships in Brazilian gay men. In N. A. Morais, F. Scorsolini-Comin, & E. Cerqueira-Santos (Eds.), *Parenting and couple relationships among LGBTQ+ people in diverse contexts* (pp. 95-113). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-84189-8>
- Spitzer, R. L. (2003). Can some gay men and lesbians change their sexual orientation? 200 participants reporting a change from homosexual to heterosexual orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 32(5), 403-417. <https://doi.org/10.1023/a:1025647527010>
- Spitzer, R. L. (2012). Spitzer reassesses his 2003 study of reparative therapy of homosexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 41, 757. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9966-y>
- The Trevor Project. (2021). *National survey on LGBTQ youth mental health 2021*. The Trevor Project. <https://www.thetrevorproject.org/survey-2021/?section=Introduction>
- Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., & Santos, M. A. (2019). A trajetória de adoção de uma criança por um casal de lésbicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3546. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3546>
- Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., Uziel, A. P., & Santos, M. A. (2018). Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 35(1), 111-122. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000100011>
- Tozer, E. E., & Hayes, J. A. (2004). Why do individuals seek conversion therapy? The role of religiosity, internalized homonegativity, and identity development. *The Counseling Psychologist*, 32(5), 716-740. <https://doi.org/10.1177/0011000004267563>

Submetido: 30/06/2022
Reformulado: 20/07/2022
Aceito: 22/07/2022

Sobre os autores:

Carolina de Souza é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Processo número 2020/09464-3).

Manoel Antônio dos Santos é professor titular do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Correspondência: masantos@ffclrp.usp.br